

RESUMO/ ABSTRACT

NO HORIZONTE A NUVEM: ILUMINAÇÃO ANTECIPATÓRIA NUMA CANÇÃO DE JOAQUIM CARDOSO

A “Canção para a nuvem da aeronave”, de Joaquim Cardoso, é um desenho do movimento do próprio poema em direção à construção do que Ernst Bloch chamou “horizonte prospectivo”. Falando do poema, a “Canção...” contrapõe a mera ilusão à pré-aparência do real. Pretendemos explicitar o possível diálogo entre o filósofo e o poeta.

Palavras-chave: Joaquim Cardoso; Ernst Bloch; literatura e utopia.

IN THE HORIZON THE CLOUD: ANTICIPATORY ILLUMINATION IN A SONG BY JOAQUIM CARDOSO

The poem “Canção para a nuvem da aeronave”, by Joaquim Cardoso, is a drawing of the movement of the proper poem in direction to the construction of what Ernst Bloch called “prospective horizon”. Speaking of the poem, “Canção...” opposes the mere illusion to the pre-appearance of the real. We intend to explain the possible dialogue between the philosopher and the poet.

Keywords: Joaquim Cardoso; Ernst Bloch; literature and utopia.

NO HORIZONTE A NUVEM: ILUMINAÇÃO ANTECIPATÓRIA NUMA CANÇÃO DE JOAQUIM CARDOSO

Hermenegildo Bastos

Professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília-DF
hjbastos@unb.br

Assim, a arte é não-ilusão, pois ela atua no prolongamento daquilo que se tornou existente, na caracterização mais adequada da sua forma.

Ernst Bloch

A “Canção para a nuvem da aeronave” é a terceira das Canções sombrias, de Joaquim Cardoso (1981). Vamos acompanhar a sua trajetória:

A nuvem parou no céu!
Essa nuvem de quem é?
De que fogo ela nasceu?
Do fogo azul do mistério
5 Que andou no verde do mar?
Essa nuvem de onde veio
Essa nuvem de quem é?
Alguém gemeu em seu seio
Alguém sem sonho e sem fé.

10 A nuvem parou no céu;
Essa nuvem assim tão clara
Nada mais, nada mais é
Que o vôo de uma aeronave
Além dos cimos se erguendo;

15 Que no alto céu se escondeu
E em cinza se converteu.

Uma nuvem que foi asa
Este mundo percorreu
Que nasceu na superfície
20 Outra lei obedeceu
Nunca mais sobre a planície
Para sempre se estendeu
No campo da atmosfera
Esta nave se perdeu.

25 A nuvem parou no céu!
Essa nuvem de quem é?
Essa nuvem já foi corpo.

Antes de nuvem foi alma
Coração já foi de alguém.
30 A nuvem parou no céu!
De que fogo ela nasceu?
– Uma nuvem, u’a coroa
Cinge a cabeça de um rei;
Uma nuvem que foi água
35 Espuma também direi.

Essa nuvem era um’ave
Que voou para o sol posto
Teve coração, teve alma;
De outras nuvens já foi palma
40 Já foi de alguém coração.
Passou no chão como roda

Correndo pela planície;
Essa nuvem que foi rosa
Cujo aroma feneceu.

45 Essa nuvem já foi aço,
De perto o fogo sofreu,
Se fechou nos embaraços
Na longitude perfeita,
Na suspensão dos espaços.

50 Os que ficaram dormindo
Na nuvem da aeronave
Os que ficaram deitados
Nos planos do sempre mundo,
Pelo explodido da ação,
55 Têm a lembrança guardada
Fechada no coração.

Essa nuvem já foi rosa,
Já foi doçura e suave,

Já foi rosa, já foi reza
60 Ladainha em cantochão.

Essa nuvem que passou
Muito mais veloz que o tempo,
Muito mais leve que a terra,
Nunca e nunca ao chão sombrio
65 Certo dia há de voltar.

Vivendo na atmosfera,
Viver que faz esquecer
Deixando fugir as asas
Por cima das outras nuvens;
70 Guardando só o silêncio
De um incerto cemitério,
Solitário em seu lugar.

A nuvem parou no céu!
Que se fez a que nasceu

75 Do fogo azul do mistério
Que andou no verde do mar.

Alguém gemeu em seu seio
Alguém sem sonho e sem fé:
E nesse gemer profundo
80 Conserve o canto das aves
Celebre o nome das rosas
Fique bem perto das asas
Ainda sonhe co'as rodas
Escurregando nos ares.

85 Fique assim constantemente
No seio da eternidade
Na mais alta atmosfera
Nuvens brancas reluzindo
Para além do som... da luz...
90 São claras, iluminadas.

O leitor se enganará se tomar o primeiro verso “A nuvem parou no céu” como registro de uma ação já concluída. Se assim fosse, o que se segue ao primeiro verso nada mais seria que um lamento. Sem dúvida, porém, o leitor perceberá também o vigor desse verso aparentemente derrotista. Mais do que lamento ou queixa – embora não deixe de sê-lo também –, a nuvem, ou nave, ou aeronave, é metáfora de um movimento.

Movimento, ou ritmo, de uma forma artística. É um poema longo, de estrofes irregulares, de 90 versos de sete sílabas. Uma voz *canta* a história da nuvem, suas andanças, tudo aquilo por que ela passou, transformando-se sempre, como que buscando encontrar a sua forma. Ao final, diz a voz que as nuvens “são claras, iluminadas” (v. 90).

O ritmo, ou fluência, que é da nuvem, é também do poema. É o próprio poema que se move, o que permite ao leitor pensar que “nuvem” é o poema, ou o poema é nuvem, como algo em que o mundo se converteu, digamos: uma visão ilusória, projeção dos olhos humanos na infinitude do firmamento.

A nuvem que foi água pode a qualquer momento desfazer-se, mas é também consistente. Aí se fala

da arte, mas não de forma intransitiva, como tem sido defendido pelos diversos formalismos. Fala-se do trabalho da arte, da sua atividade. E do mundo como arte, ou como trabalhado pela arte.

O movimento, trajetória, se dá num espaço-tempo externo ao poema, “nos planos do sempre mundo” (v. 53). Ao mesmo tempo é a trajetória da palavra nuvem no interior do poema. O interno e o externo são e não são a mesma trajetória, e este é o segundo problema com que o leitor deve se confrontar.

Nuvem é uma palavra que se transforma em outras palavras, com a liberdade do desenho do poeta. Sua referência é interna. Com isso, porém, vai-se compondo um universo semântico que, como tal, aponta para o mundo exterior ao poema. Cabe ao leitor perceber isso, sob pena de não poder acompanhar nem uma trajetória nem outra. Como pode o poema “falar” dele mesmo e ao mesmo tempo do mundo, mas não de maneira a subsumir um no outro, ou seja, de neutralizar a sua contradição, mas sim de forma a preservar a tensão que os aproxima e distancia?

O mundo faz-se poema, assim é retirado de onde deveria estar, é subtraído à sua lógica. Ao mesmo tempo o poema se faz mundano, transita no mundo, é gemido, ladainha, rosa, coração, cemitério, enfim “passou no chão como roda” (v. 41). Esse onde em que deveria estar o mundo é o de certa racionalidade contra que o poema se choca: “Essa nuvem que passou/ (...) Nunca e nunca ao chão sombrio/ Certo dia há de voltar” (vs. 61 e 65).

Deslocamentos da nuvem da aeronave – trajetória interna e externa a um só tempo. O leitor então acompanha a trajetória que, afinal, é o próprio poema que se constrói à sua vista. Inicialmente: forma como ilusão.

Mas o poema, sendo produzido, produz um mundo em que rodas giram, aves cantam, alguém geme. O gesto mimético é de extrema complexidade: o poema não reproduz, mas sim inventa o mundo, projeta-o. Ao mesmo tempo, a invenção, como trabalho que é do poeta, é parte do mundo inventado, ainda que produza o choque sem o qual não existiria. É parte do mundo inventado porque traz consigo os seus desejos e dores: “Essa nuvem já foi rosa,/ Já foi doçura e suave, Já foi rosa, já foi reza/ Ladainha em cantochão” (vs. 57 a 60).

Parada, a nuvem é figura de um mundo que simula mover-se. Ao perceber isso, o leitor percebe também que o poema desconstrói a forma da nuvem como ilusão, projetando outro movimento, este real.

A nuvem que estancou seria também a arte cuja excelência estética consiste em perceber seus fracassos, sua culpa. Claro está que o poema não é fracassado, sendo pelo contrário uma obra-prima, mas fala da grandeza da arte e das suas limitações num mundo em que a nave se perdeu. O poema falando de si mesmo fala do mundo. Estamos longe de qualquer ideia de mimesis como reprodução e próximos da ideia de realismo de Bloch, ou seja, da arte que vai além da cópia e do sobrevoo e se con-

figura como “fantasia concreta”. Somente esta é realismo, e Bloch assinala: “em lugar do fato isolado e do contexto superficial do imediatismo abstrato, igualmente isolado do todo, surge então a relação das aparições para com o todo de sua época e para com o totum utópico que se encontra em processo” (BLOCH, 2005, p. 220).

“Nuvem”, palavra central no argumento poético da canção, evolui de um significado inicial, diríamos, quase denotativo, para em seguida ser nada mais “que o vôo de uma aeronave” (v. 13). Voo de aeronave e nuvem têm em comum serem coisas aéreas, mas o primeiro é humano, enquanto nuvem é um fenômeno natural. Veremos, entretanto, que natureza e cultura se interpenetram por obra do trabalho poético e, assim, como palavra, como construção, “nuvem” é também fenômeno humano.

Junto a isto será preciso também considerar as imagens espaciais, assim como a dimensão temporal, de um evento que se origina no passado, transcorre no presente e se projeta no futuro. Essas mudanças são aquelas pelas quais passa a “nuvem”, a palavra e a coisa “nuvem”.

As imagens espaciais se apresentam como binárias: “nos cimões” contrapondo-se a “planície”, “céu”, “chão”. A leitura nos indica, porém, que “nuvem” e “mundo”, longe de serem espaços diferentes, são dimensões do mesmo espaço, que *mundus, universus, orbis terrarum*, é também *hominum societas*. O chão é sombrio, mas é também rosa. As dimensões são temporais também: a nuvem foi roda, rolou na superfície, parou no céu, agora é nuvem. A cinza e o gemer profundo em que se converteu devem se projetar no futuro para que “consERVE o canto das aves” (v. 80).

Assim, o poema evolui combinando palavras, aproximando significados, dimensionando no tempo-espaço a trajetória da “nave”, mas não por uma intenção de obscurecer, sim de encontrar um significado outro, mais preciso que o comum. O complexo trabalho que traça a trajetória visa a precisar o sentido de “nuvem”. Pelo desenho, o engenheiro imagina a aeronave que é leve como a nuvem e pesada como o aço.

O enigma, quase hermetismo do poema, é a racionalidade outra. Ao contrário do mundo como o vemos, a aparência artística, diz Bloch, não é mera aparência. A sua significação envolve-se em imagens do que “foi impulsionado para a frente”. É “pré-aparência” do real (BLOCH, op. cit., p. 212).

O enigma inicial não é, pois, uma barreira à compreensão, mas sim o lançamento de outra forma de compreensão não submetida ao mundo reificado. Devemos insistir, então, que a trajetória do poema não visa a obscurecer, mas sim tornar mais precisos os significados.

“Nuvem” é popularmente uma forma variável em que as pessoas projetam imagens ilusórias. Este é o enigma, proposital, que o poeta nos propõe. A arte não é ilusão, como já vimos. Se o enigma é proposital, cabe, não explicitá-lo, mas entendê-lo na sua qualidade mesma de enigma. A pré-aparência do real, para os que estão acostumados aos “planos do sempre mundo” (v. 53), só pode se colocar como ilusão. Mas ilusão é o chamado mundo real, ao qual o poema contrapõe um real outro.

“Nada mais” é também nada menos: o voo se ergueu para além dos cimos, mas em cinza se converteu. Algo, portanto que se elevou para cair. A nuvem foi asa, nasceu na superfície e percorreu o mundo. Foi corpo, antes de nuvem foi alma, foi água, foi rosa e aço. O processo físico de formação da nuvem, de evaporação das águas do mar, processo, portanto, de transformação, mimetiza-se no poema como processo de projeção de significados: tudo aquilo que na experiência humana, por irrealizado, se evaporou, tudo isso agora se move dentro de um universo semântico, em que cada palavra se transforma em outra. No poema, porém, os significados não se evaporam. Residiria nisto o destino da obra de arte?

Cada palavra referencia outra, compondo uma rede de significados. O poema se movimenta de modo a representar primeiro o processo natural de formação das nuvens, depois o processo humano dos sonhos interrompidos. No discurso, em que palavras se transformam em outras, metáforas se sucedem criando uma extensa metáfora. “Nuvem” é ao mesmo tempo o resultado de um processo intrincado de projeção que vai além do simplesmente terrestre e pode se desmanchar a qualquer instante, portanto algo inconsistente, mas que teve a consistência do aço. A ambivalência não é imprópria, é, como vimos dizendo, um procedimento que visa a precisar os sentidos.

O título lança o leitor numa situação de enigma que, entretanto, encontra no todo do poema, não sua explicação, é claro, mas seu equacionamento. E por falar em equacionamento, convém lembrar que estamos lendo um poeta matemático, que perseguiu, como observa João Cabral no poema célebre sobre Joaquim Cardoso, a “luz espaço”.

Na primeira estrofe a nuvem é um fenômeno natural, resultante da evaporação das águas do mar. Mas já aí é evaporação de um gemido ou fogo. A primeira estrofe coloca-nos perante uma situação humana, de um ser humano que se define por essa nuvem que parou (estacou) no céu. Mas não sabemos quem é ele. Pode ser alguém em particular, pode ser que não – eis outra questão. Sabemos que “alguém gemeu em seu seio/ Alguém sem sonho e sem fé” (vs. 77 e 78). O poema, entretanto, se alonga, adiando a nossa resposta.

Ao mesmo tempo em que pergunta por aquele a quem pertence a nuvem, o poema, ainda na primeira estrofe, pergunta também pelo movimento que gerou a nuvem: “Essa nuvem de onde veio/ Essa nuvem de quem é?” (vs. 6 e 7).

A canção é dedicada à nuvem da aeronave, e dedicada aqui tem o sentido forte de dar valor à experiência que ela representa. O poema vem, assim, marcado por uma consciência utópica ligada ao ato mesmo de fazer poesia, ou seja, ao ato de projetar sentidos, além do “meramente evaporado”. Segue, assim, um movimento de perguntas que geram outras perguntas e em meio às perguntas, algumas afirmações que não são propriamente respostas às primeiras. Vão se formando blocos semânticos em

que cada “sentido” de “nuvem” encontra sua resolução interna ao bloco. A dificuldade para o leitor está na passagem de um bloco para outro.

Nem por isso o poema se encaminha para a obscuridade, repetimos. Pelo contrário, encaminha-se para a clareza (“essa nuvem assim tão clara”), uma clareza que é a do próprio fenômeno, não de uma explicação que viesse a se sobrepôr ao poema.

O tom geral do poema é sombrio – “essa nuvem era um’ave/ Que voou para o sol posto” (vs. 36 e 37). Alguma coisa se perdeu, não qualquer coisa, mas um fogo que em cinza se converteu.

As metáforas não nos afastam do mundo, não nos levam para outro mundo diferente deste, mas nos desvendam aspectos deste mundo presentes no “horizonte prospectivo”, aspectos que normalmente não são perceptíveis, donde o movimento do poema no sentido de precisar o sentido de “nuvem”.

O enigma não é, pois, apenas uma dificuldade ou limitação de leitura, é um limite do próprio poema. Aquém e para além desse limite impera outra racionalidade. O poema continuará enquanto preservar seu enigma. O peculiar da “Canção para a nuvem da aeronave” é que aí, em vez de procedimentos de obscurecer para subtrair-se à tirania do significado único, o que quer o poeta é tornar preciso seus significados. A “Canção...” dá-nos a ver que, apesar de todas as mudanças de “nuvem”, nada consegue mudar a rota ou trajetória previamente fixada. As variações traçam o caminho do mesmo, algo resistente como o aço.

Tornar preciso o significado (que não é explicar) é produzir um universo semântico outro, isto é, é operar mudanças. O poeta trabalha com seus recursos para ir além da linguagem comum, em que os significados são imprecisos ou meras aparências. A poesia quer reinventar a linguagem para reinventar o mundo.

Falando da nuvem, o poema está, pois, sempre falando do que fica no mundo: ela “passou no chão como roda/ correndo pela planície” (vs. 41 e 42). Assim, já na segunda estrofe, o voo da aeronave, que se ergueu além dos cimos, entretanto “no alto céu se escondeu/ E em cinza se converteu” (vs. 15 e 16). A nuvem que era asa, na terceira estrofe, percorreu o mundo, nasceu na superfície. O poema fala de leis: a asa nasce na e da superfície.

No corpo, na alma e no coração nasceu a nuvem. Era fogo, capaz de mover o coração, o corpo e a alma, capaz de dobrar o aço. Aquele de quem a nuvem é era um rei: porque não era súdito de ninguém, era soberano? Ou por que era sonho de poder? “Uma nuvem, uma coroa/ cinge a cabeça de um rei” (vs. 32 e 33). Uma coroa de espuma, o poeta acrescenta. A espuma, que tolda a vista, entretanto facilmente se desfaz.

Correndo pelo chão como roda, a nuvem não foi capaz de superar os embaraços. E aquilo que ela significava como projeção de desejos e esperança, como utopia enfim, por não ter sido realizado,

converte-se em ameaça. Na oitava estrofe, precisa-se o sentido de “nuvem”: nuvem era ação que foi explodida, dela resta uma lembrança fechada no coração; a nuvem não voltará ao chão sombrio, jaz agora num incerto cemitério.

O gemer profundo (que é o próprio poema) deve, porém, conservar o canto das aves, celebrar o nome das rosas, ficar bem perto das asas, sonhar ainda com as rodas. As nuvens que por último aparecem são também transformações da nuvem que parou no ar.

Construindo um significado outro para “nuvem” o poema constrói-se. Nuvem parece ser, então, o próprio poema como alguma coisa que se desprende do chão de que nasceu.

A ameaça que paira sobre a arte é a que paira sobre os sonhos, desejos e esperanças. Ao mesmo tempo, porém, também a arte (a poesia) pode ser ameaçadora. A canção sombria é ainda fogo “que andou no verde do mar” (v. 5). O que se coloca para nós leitores de Joaquim Cardoso é saber se e como os significados opostos ao sombrio da canção não se evaporam. Cabe entender como o voo da nuvem vai além dela mesma e, embora leve e de água, sempre ameaçando se desfazer, pode ter a consistência do aço.

Mas antes de responder a isto, voltemos ao “eu” de quem a nuvem é. É um eu universalizado, uma vez que pode ser o leitor que se identifique com o sentimento de perda. Ainda que seja um sonho de um eu em particular, ele está vinculado necessariamente à humanidade como um todo. O rei, soberano ou poderoso, somos todos.

O poeta cientista canta as leis que regem os fenômenos naturais. Não há aí nada que se oponha, como comumente se pensa, ao poético. A imagem poética é, assim, também conceito. As transformações sofridas por “nuvem” precisam o significado do conceito. As imagens poéticas são imagens-conceitos, como assinala Galvano della Volpe. Se falamos de discurso para nos referirmos ao poema, é preciso considerar que “discurso” é linguagem racional e, portanto, a poesia não se opõe ao pensamento lógico.

O poeta-cientista diz-nos isso. E diz-nos mais: a linguagem poética torna precisos os significados em vez de obscurecê-los, como defendia a estética romântica.

Se a nuvem (o voo, a aeronave) em cinza se converteu, a poesia, como também o conhecimento científico, elevaram-se além do chão para parar no céu. Tudo que eles trazem em si – de fogo, de coração, de doçura, de esforço (que “passou no chão como roda”, v. 41) – tudo paralisado no ar. O sombrio da canção está em certo fracasso – “o sol posto”. O trabalho da arte consiste, contudo, em não deixar que os significados se evaporem. A este de quem a nuvem é cabe conservar o canto das aves, deve sonhar ainda com as rodas “escorregando nos ares” (v. 84).

Se aqui falamos da arte como utopia, não é no sentido da obra de arte que projeta uma sociedade utópica como as obras tradicionalmente conhecidas como utopias. Falamos da consciência utópica

que carrega consigo necessariamente uma negatividade¹. Na utopia está necessariamente contida a distopia. A nuvem que parou no céu pode desabar sobre nós. Diz o poeta: “no campo da atmosfera/ Essa nave se perdeu” (vs. 23 e 24).

No poema, porém, os significados não se evaporam, e nisto está o destino da obra de arte. “Os planos do sempre mundo” (v. 53) é o mundo igual a si mesmo, a mesma coisa hoje e ontem. Os que se acomodaram a isso ou desistiram (“pelo explodido da ação”, v. 54) “têm a lembrança guardada/ Fechada no coração” (vs. 55 e 56).

A “Canção para a nuvem da aeronave” fala da poesia como da ação de alçar voo, deslocar-se, desprender-se do mundo, sobrevoar o mundo de que se origina. Traz o mundo em si, na sua forma de nuvem. Mas perdeu-se na órbita terrestre: tempo e espaço. Nestes versos está todo o movimento dialético da poesia, que é mundo, mas se desprende dele para a ele voltar, ou porque estancou e se despencou como o destroço de uma aeronave, ou porque é o desejo do mundo.

O poema diz-nos por fim que a história da nuvem que parou não é mera ilusão, no sentido de como normalmente se toma a experiência artística. Daí o trabalho poético, que consiste em construir outra percepção da realidade. O que aparenta ser ilusão é uma percepção mais real do que a que normalmente temos, dominada pelo significado único. Assim, o próprio poema, no seu trabalho de construção de um significado outro para “nuvem”, se faz aos olhos do leitor. O que o leitor lê é essa experiência: no horizonte a nuvem.

É isto que se quer dizer quando se afirma que o poema só fala de si mesmo? Mas se é, falta acrescentar que o “si mesmo” é uma ação ou um trabalho muito específico de alargar as fronteiras da experiência humana. “Nuvem” é sempre mundo, e isto de duas maneiras opostas: primeiro porque ela se formou a partir do material do mundo, segundo porque ela não conseguiu ir além dos “planos do sempre mundo”. A nuvem-coroa cinge a cabeça de um rei: sonhos e desejos são contraditórios como a própria vida humana. A contradição, porém, não é ambiguidade. O movimento de “nuvem” no tempo-espaço ainda não se completou e vai no caminho de se fazer cada vez mais preciso.

O movimento da impropriedade poética é o do não se conformar com os “planos do sempre mundo”. O movimento se dá no tempo, na percepção dos “embaraços” do presente e na “iluminação antecipatória” do futuro, mas também na “suspensão dos espaços”. A nuvem da aeronave é desejo de mundo.

“A nuvem parou no céu”, o verso se repete insistentemente. Mas não consegue suprimir o que é decisivo no poema: a trajetória, o processo, o devir. O mundo que se evapora, vira nuvem, são as

¹ Ver sobre isso o diálogo entre Bloch e Adorno (“Something’s missing: a discussion between Ernst Bloch and Theodor W. Adorno on the contradictions of utopian longing”) reproduzido em Bloch (1989).

infinitas ações humanas, como o corpo que sua. Aqui mais uma contradição com que o leitor se defronta. O corpo evaporado é ao mesmo tempo o mais precioso e mais abjeto. O mais abjeto porque é o suor do trabalho que submete os homens – e é por aí que se converte na ameaça de algo que pode a qualquer momento desabar sobre nossas cabeças; o mais precioso porque contém, como extrato, os sonhos ainda não realizados.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Joaquim. *Um livro aceso e nove canções sombrias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno; Recife: FUNDARPE, 1981.

DELLA VOLPE, Galvano. *Crítica do gosto*. v. 1. Lisboa: Estampa, s/d.

BLOCH, Ernst. *The utopian function of art and literature: selected essays*. Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press, 1989.

_____. *O princípio esperança*. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

Recebido em 20 de setembro de 2009

Aprovado em 12 de outubro de 2009